



Pierre Pratt

UM BALÃO VERMELHO, SEM FITA-COLA

Difícil é começar, já se sabe. E nós estamos sentados em semicírculo: o Diogo, trombone às fatias na *t-shirt*; a Isabel das tranças tão perfeitinhas; a Érica de óculos azuis na cara redonda; o Mário deitado no chão, com os pés no ar; a Daniela das pulseiras rosa *shock* no braço esquerdo; o Willian, com n, assim chamado porque o pai gosta dos «actores dos filmes» (a mãe preferia Felipe, depois resignou-se). E agora? Difícil é começar, aí pois é, pôr uma palavra depois da outra, mas entretanto já começámos, os dois mais velhos assumem que são maus leitores, não gosto, não gostamos, fartam-se depressa, o Willian e o Diogo, dez minutos, uma hora, dois capítulos, «aquilo torna-se chato», «estar atento dá-me sono», os mais pequenos encolhem os ombros, com eles não é bem assim, mas deixemos isso para trás. Deixemos

isso para trás porque de repente, agora, há histórias a nascer no centro do semicírculo, do recreio cada criança prometeu trazer uma na cabeça, depois dos saltos no pátio de cimento, depois das correrias por baixo dos telhados de zinco, e elas aí estão, as histórias, atropelando-se. A do Mário cabe inteira numa frase: um menino tem medo do escuro, na casa há duas camas, é na da mãe que a escuridão menos assusta. Chegada a sua vez, a Daniela esquece-se do que ia contar, depois já se lembra, mas quando vai contar varre-se tudo de novo, o que não se varre é a memória de umas férias que passou na Alemanha com a irmã mais velha («ela tem 24 anos»), duas semanas em Hamburgo, tal como a Isabel não esquece o dia em que o pai chegou de Espanha, onde estava a trabalhar, e trazia roupas para ela, sapatos para ela, tantas coisas e ainda pastilhas elásticas com sabor a maçã. A história do Willian parece um sonho: há um menino que pega num balão e tenta enchê-lo, sopra, sopra, sopra, mas não consegue porque o balão está furado, até que ele encontra o furo e tapa-o com fita-cola, volta a soprar e o balão enche-se, é um balão vermelho, muito cheio de ar e o menino brinca com ele como se fosse uma bola de futebol. Na história do Diogo há um peixe que tem medo do mar, coisa complicada porque é no mar que ele vive, imaginem o que seria termos medo do oxigénio que respiramos, então um dia uns mergulhadores apanham-no («como no *Nemo*», lembra a Érica), levam-no e deitam-no ao rio, por ser demasiado pequeno, e ele fica no rio porque da água doce não tem medo (talvez o problema estivesse no grau de salinidade, penso eu), o peixe vê então um menino na margem a construir uma casa com pedras e folhas, dá um salto na água para chamar a atenção e à terceira o menino ouve, vira-se e pergunta-lhe «de onde vieste?», «do mar» responde o peixe, o menino arranja-lhe um aquário na casa feita de pedras e folhas, o peixe aceita ficar com o menino mas diz-lhe: «não expliques é aos teus pais que eu sei falar». Entretanto as cadeiras ficaram vazias, cresce o barulho lá fora, a Érica atrapalhou-se com a história de um menino que gostava de ficar sozinho, a Isabel ri-se muito, a Daniela fala da Shakira e o Mário levantou-se e tem na boca, vindo não sei de onde, um balão, um balão vermelho, um balão vermelho verdadeiro, um balão vermelho verdadeiro que se enche de ar e não está furado, um balão vermelho verdadeiro que se enche de ar e não precisa de fita-cola, um balão vermelho verdadeiro que incha como uma palavra demasiado grande para a nossa boca, uma palavra daquelas que é preciso ir ver ao dicionário e de repente o ar sai todo de uma vez, um som esquisito, um pfffffff, o som de uma coisa que se esvazia, como as histórias quando já não conseguem ir mais longe ou os textos que se perdem no ar sem ponto final

José Mário Silva
com Diogo, Isabel, Érica, Mário, Daniela, Willian

SEIS MEMÓRIAS DO ANTES E DEPOIS

Circulamos pelo meu velho liceu que é hoje uma nova escola, com novos espaços, alguns bem arrojados, novos mobiliários, novos equipamentos. É um primeiro mundo, claro, asséptico, quase agressivo, dominando aquela extensa cerca, que vem sobrepor-se às minhas memórias de espaços ocupados por jovens fardados de verde, em formatura, braço alçado. Sou conduzido por cinco cicerones amáveis, prontos para me ajudar a franquear todas as portas, talvez um pouco admirados pela minha estranheza de encontrar um laboratório no sítio, antes ao ar livre, em que se costumava treinar esgrima, e de não descobrir em nenhum lado aquela citação do Mestre que dizia «há-de ser pecado cuspir alguém no mosteiro, quanto mais no ladrilhado».

Na zona da biblioteca, numa sala clara, há uma mesa posta com sandes e bolos, discreta e gentilmente. Dá a impressão de que todos fizeram o possível por que nos sentíssemos confortáveis. Sinto-me um pouco num mundo de ficção científica. Digo isso. É, naturalmente, difícil compreenderem aonde quero chegar. Ao conversar com estes jovens só consigo ver o lado solar e aprazível.

Aprecio a tolerância com que eles me ouvem, sorrindo, mesmo quando falo desabaladamente.

O João é muito novo. Ainda não tem um projecto de vida. Gosta mais de ouvir que de falar. Nesse aspecto, é como eu.

A Inês gosta de crianças e quer vir a ser educadora infantil. O Bruno joga futebol numa equipa, fora da escola, tem projectos de carreira. O Tiago conta que pesca no Tejo, safios e corvinas, e entusiasma-se quando fala do campo, da agricultura, dos animais. A Diana interessa-se por línguas, considera a possibilidade de aprender alemão, mas também admitiria ser enfermeira militar.

Temos mais em comum do que pensamos: uma certa banda desenhada brasileira, a reminiscência de um tal Ulisses que nunca mais conseguia chegar a casa, o pianista de



José Smith Vargas